



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TIÉSERY SIBONEY PAES LIMA

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: CONTEÚDO POSSÍVEL NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR?

**FORTALEZA**

**2021**

TIÉSERY SIBONEY PAES LIMA

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: CONTEÚDOS POSSÍVEIS NA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR?

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO sob orientação do Professor Me. José Ribamar Ferreira Júnior como parte dos requisitos para a conclusão do curso.

FORTALEZA

2021

TIÉSERVY SIBONEY PAES LIMA

RAPEL E ESCALADA INDOOR: CONTEÚDOS POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR?

Este artigo foi apresentado no dia 01 de Julho de 2021 como requisito para obtenção do grau de licenciado do Centro Universitário Fametro - Unifametro, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. José Ribamar Ferreira Júnior  
Orientador- UNIFAMETRO

---

Prof. Me. Bruno Feitosa Policarpo  
Membro- UNIFAMETRO

---

Profa. Ma. Mabelle Maia Mota  
Membro- UNIFAMETRO

## PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA: CONTEÚDO POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR?

*Tiéserly Siboney Paes Lima<sup>1</sup>*  
*Me. José Ribamar Ferreira Júnior<sup>2</sup>*

### RESUMO

A Educação Física como componente curricular na escola passou ao longo dos anos por diversas mudanças, uma das últimas vieram através da BNCC, que dentre as novas orientações coloca o bloco de conteúdos Práticas Corporais de Aventura (PCA) como conteúdo a ser trabalhado nas escolas. O presente estudo teve como objetivo buscar compreender como está acontecendo a implementação das PCA, se os professores tem encontrado dificuldades, conhecem as modalidades e se tiveram vivências com PCA durante a graduação. Participaram da pesquisa treze professores da rede básica de ensino. A pesquisa caracteriza-se por um estudo de natureza básica, com objetivo exploratório e descritivo, com uma abordagem predominantemente quantitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Para coleta de dados foi utilizado um questionário que foi disponibilizado em grupos de whatsapp para Profissionais de Educação Física, o questionário dispunha de oito perguntas, sendo quatro objetivas e quatro abertas. Os principais resultados apontam que a falta de espaço e material 38,8% da amostra, falta de apoio da escola citado por 15,4% e formação deficitária para PCA durante a graduação citado por 23,1% são os principais entraves para a implementação das modalidades nas aulas. Observamos que embora os professores tenham dificuldades, 61,5% estão buscando aplicar os conteúdos em suas aulas, os professores com mais de dez anos de formação são os que tiveram menos acesso as PCA ou quando tiveram era uma disciplina alternativa. Concluímos que para o melhor desenvolvimento das PCA, as modalidades precisam ser melhor trabalhadas durante a graduação, a escola deve oferecer apoio a prática das modalidades, buscando parcerias com as secretarias de educação municipais e estaduais para oferecer cursos de capacitação para os professores nessa área. Aos professores recomendamos a busca por mais formação para PCA, pois assim poderiam conhecer mais modalidades e ter propriedade pra fazer adaptações a sua realidade.

**Palavras-chave:** Esportes de aventura, Escola, BNCC.

### ABSTRACT

Physical Education as a curricular component at school has gone through several changes over the years, one of the last ones came through the BNCC, which among the new guidelines puts the block of contents of Corporal Practices of Adventure (PCA) as content to be worked on in schools. The present study aimed to understand how the implementation of PCA is happening, if the teachers have encountered difficulties, know the modalities and if they had experiences with PCA during graduation. Thirteen teachers from the basic education network participated in the research. The research is characterized by a study of a basic nature, with an exploratory and descriptive objective, with a predominantly quantitative approach, based on bibliographic research and field research. For data collection we used a questionnaire that was made available in groups of whatsapp for Physical Education Professionals, the questionnaire had eight questions, four objective and four open. The main results show that the lack of space and material 38.8% of the sample, lack of support from the school cited by 15.4% and deficient training for PCA during graduation cited by 23.1% are the main

---

<sup>1</sup>Graduando No Curso De Educação Física Do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

<sup>2</sup> Doutorando em Educação. Professor Adjunto Do Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

obstacles to implementation of the modalities in the classes. We observed that although teachers have difficulties, 61.5% are trying to apply the contents in their classes, teachers with more than ten years of training are the ones who had less access to PCA or when they had an alternative subject. We conclude that for the best development of PCA, the modalities need to be better worked during graduation, the school must offer support to the practice of the modalities, seeking partnerships with the municipal and state education departments to offer training courses for teachers in this area. We recommend the teachers to search for more training for PCA, as that way they could know more modalities and have the property to make adaptations to their reality.

**Keywords:** Adventure sports, School, BNCC.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação Física, como componente curricular obrigatório na escola, passou ao longo da história por diversas mudanças em suas práticas, até chegar ao patamar que tem hoje no processo de educação dos nossos alunos. As práticas que outrora visavam apenas formar o cidadão para o mercado de trabalho, uma vez que, tinham como objetivo formar cidadãos mais fortes, mais ágeis e até mesmo diferenciava práticas para homens e para mulheres, hoje tem uma atuação para desenvolver competências físicas e intelectuais.

Uma das mudanças mais recente é a nova base nacional curricular comum (BNCC), que tem como um dos objetivos que a educação no país tenha a mesma qualidade, que os conteúdos e práticas sejam desenvolvidos de forma norteados por esse documento em qualquer escola do país, seja pública ou particular, respeitando sempre a diversidade de cada região.

Uma das novidades desse documento é a introdução das práticas corporais de aventura, que englobam atividades tanto no meio urbano, como em meio à natureza. Segundo a BNCC, essas atividades caracterizam-se por exigirem dos participantes proezas pra lidarem com situações desafiadoras, imprevisíveis, apresentadas pelos ambientes em que essas modalidades são praticadas.

Nesse estudo conheceremos algumas modalidades do conteúdo práticas corporais de aventura, dentre as diversas possibilidades, aqui enfatizaremos nas modalidades, rapel, escalada indoor e a corrida de orientação.

Sabendo que a BNCC deixa claro que as práticas corporais de aventura fazem parte dos conteúdos da Educação Física escolar, já no ensino fundamental II, fica a reflexão sobre como trabalhar essas modalidades na escola, onde os alunos estão na faixa etária dos onze anos de idade, pois o documento recomenda essas práticas a partir do sexto ano .

O objetivo do presente estudo é identificar as dificuldades que os professores tem na implementação ou desenvolvimento dos conteúdos do tema Práticas Corporais de Aventura, se conhecem as modalidades, se há falta de material e se esses conteúdos foram abordados de forma satisfatória durante a graduação em Educação Física.

São essas indagações que buscaremos compreender durante a pesquisa sobre a possibilidade das Práticas Corporais de Aventura no ambiente da Educação Física Escolar.

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

### 2.1 Esportes de Aventura

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) coloca a Educação Física como disciplina obrigatória dentro da grade curricular da educação básica, como sendo pertencente à área das linguagens, tendo centralidade nas práticas corporais, evidenciando que a mesma vai além dessas práticas, pois a BNCC enfatiza que se trata de um fenômeno social que não fica restrito no corpo, mas em sua cultura, no desenvolvimento do homem. (OLIVEIRA, 2020)

Desse modo a Educação Física escolar assume um papel de trabalhar com os educandos, práticas corporais das mais diversas áreas do saber, para que o aluno experimente as mais variadas práticas do movimento, buscando o entendimento dos significados por trás dos gestos motores, de como esses gestos e práticas corporais foram introduzidos na nossa cultura corporal. (OLIVEIRA, 2020)

Na visão de Brasil (1998) apud Alves; Capaverde & Medeiros (2012) a Educação Física deve agir para garantir aos alunos as mais diversas práticas corporais, contribuindo para que esses apreciem essas atividades com um estilo pessoal e crítico. Ressaltando a necessidade de diversificação dessas atividades ampliando a vivência com as mais variadas formas da cultura corporal.

O ser humano está intrinsecamente ligado à natureza, uma vez que nossa relação com ela vem desde os primórdios, quando caçávamos, coletávamos alimentos e fazíamos de cavernas nossas casas. Nossa relação com ela é tão antiga quanto nossa própria existência, o homem evoluiu mediante essa relação. (OLIVEIRA, 2020)

Conforme Oliveira (2020) dentre as práticas corporais, as que mais nos aproximam desse nosso passado histórico com a natureza, são os esportes de aventura, uma vez que, esses se utilizam de espaços naturais para desenvolver suas atividades, tendo como foco o respeito pela natureza e sua preservação.

Isso fica evidente na definição de Coiceiro (2007) apud Paixão (2017) que afirma que o esporte de aventura surge a partir da reaproximação do homem com a natureza, buscando qualidade de vida, lazer, esforço para explorar lugares outrora inacessíveis, realização de modalidades com riscos controlados que colocam os participantes diante de situações inesperadas, exigindo decisões rápidas, fazendo o participante usar todo seu repertório de movimentos adquiridos ao longo da vida. Diante do apresentado anteriormente, fica evidente que os esportes de aventura podem ser um campo de intervenção do profissional de educação física em suas aulas no ambiente escolar.

Para Franco (2008) apud Paixão (2017) ao se trabalhar na educação básica atividades nesse contexto, estaríamos oportunizando aos alunos práticas alternativas aos esportes ditos tradicionais, oferecendo um leque maior de opção para que estes tenham experimentações no maior número possível de modalidades, tanto na fase em que se encontram como na fase adulta, para que continuem sendo ativos mesmo depois de saírem da escola.

Freire; Scaglia (2003) apud Alves; Capaverde & Medeiros (2012) afirmam que os alunos do ensino fundamental de 6ª a 9ª série e médio do 1º ao 3º, costumam buscar atividades que os desafiem nos seus limites, novidades que lhes tragam interesse. Assim os esportes de aventura seriam uma ótima opção para serem trabalhados com esse público, que na maioria das vezes já não estão mais tão interessados nos esportes tradicionais, ou para mostrar a eles novas possibilidades de práticas corporais, trabalhando também a interdisciplinaridade através dos temas transversais com ênfase na conservação ambiental.

Um dos fatores que levam ao desinteresse por parte dos alunos durante as aulas de educação física é o caráter excludente de algumas modalidades tradicionais, que por vezes absorve o mais habilidosos, separa menino de meninas, etc. Aqui as práticas de aventura se mostram como um caminho para unificar a participação da turma, uma vez que o esporte de aventura na escola busca mais a experimentação, sem caráter competitivo, onde todos se encontram no mesmo patamar, buscando a cooperação entre os participantes. (ALVES; CAPAVERDE & MEDEIROS, 2012)

## **2.2 Conhecendo as modalidades Rapel, Escalada indoor e Corrida Orientada e suas aplicações na Escola.**

### **2.2.1 Rapel**

O rapel faz parte das modalidades conhecidas como práticas corporais de aventura caracteriza-se como uma atividade vertical que se utiliza de equipamentos específicos para atividades em altura, como mosquetões, freios oito, fitas de ancoragem, cadeirinhas, capacetes e cordas específicas para essa modalidade. O objetivo é fazer descidas de paredões e vãos livres, sendo praticado em meio à natureza ou no meio urbano. (OLIVEIRA, 2020)

Segundo Xavier et al (2012, p.1) apud Oliveira 2020 essa prática é realizada em grupo, o cuidado com a segurança do grupo é a maior prioridade, a prática dessa modalidade requer materiais específicos de proteção individual e coletiva, minimizando assim a possibilidade de acidentes.

Segundo Oliveira (2020) os grupos de rapel costumam serem muito receptivos com os novatos, os praticantes mais experientes acompanham de forma individual os novatos, auxiliando-os tanto no conhecimento dos equipamentos como nas descidas, sempre que o principiante necessite, um instrutor o acompanhará nas primeiras descidas passando-lhe todas as informações e técnica que esse precise.

Existem várias formas de descer no rapel, a mais básica é o rapel inclinado, segundo Oliveira (2020) é o mais simples de ser executado, é feito em uma pedra ou parede com menos de 90° de inclinação, serve como base para as outras descidas.

Outra forma de descer é no rapel negativo, onde o praticante inverte a posição da ancoragem na cadeirinha, passando a acoplar o mosquetão na parte localizada nas suas costas. (XAVIER et al. 2012, p.1) apud (OLIVEIRA , 2020)

Na modalidade aranha, o rapelista desce de cabeça para baixo, o praticante desce sem ter contato com a parede, é uma técnica avançada exigindo maior grau de experiência por parte do praticante, essa manobra é feita primeiro mais perto do solo, para o praticante se sentir mais seguro. (OLIVEIRA, 2020)

O rapel tem boa aceitação nas aulas de educação física, porém exige que o profissional tenha conhecimento técnico para tal, não se admite erros, o ideal é que se desenvolva essa atividade com ajuda de pelo menos mais um profissional qualificado. Oliveira, 2020 afirma que o rapel causa bastante interesse nos alunos, porém sua prática na escola é pouco viável por exigir materiais caros, pois os materiais básicos para essa modalidade possuem valor elevado.

Observamos que para a prática do rapel seria necessário que a escola oferecesse condições para que o professor tivesse acesso ao material, o que acontece na maioria das vezes é que o profissional para oportunizar essa prática pega material emprestado com algum grupo que participe, para oferecer essa experiência aos seus alunos. (Alves; CAPAVERDE & MEDEIROS, 2012)

### **2.2.2 Escalada Indoor**

A modalidade escala indoor também faz parte das práticas corporais de aventura, essa atividade é desenvolvida no meio urbano, embora a escalada tenha se desenvolvido em meio à natureza, a escalada indoor, caracteriza-se por ser praticado em paredes artificiais com ajuda de agarras. (PAIXÃO; SILVA & TRIANI, 2019)

Segundo Pereira (2013) apud Paixão; Silva & Triani (2019), o termo escalada pode ser utilizado nas diversas formas dessa modalidade, tendo a escalada no gelo, escalada em rochas e escalada em ambientes construídos, que chamamos de indoor.

Os materiais da escalada são quase os mesmo do rapel, diferenciando-se apenas nas formas e finalidades, os mosquetões tem formatos diferentes, mas as cadeirinhas, capacetes tem a mesma finalidade, outra diferença se dar na corda, enquanto no rapel ela é estática na escalada ela deve ser dinâmica ou semi- dinâmica, ou seja, deve ter mais elasticidade. (PAIXÃO; SILVA & TRIANI, 2019)

Pereira (2013) apud Paixão; Silva & Triani (2019) afirma que a escalada indoor oportuniza que os praticantes iniciem a atividade num ambiente com riscos mais controlados, sendo assim uma boa opção pra quem não quer logo se aventurar nas rochas.

A subida na escalada indoor se dar através de agarras, construídas a base de resina de petróleo, sendo bem fixada a uma parede, são muito resistentes. Possuem diversos formatos e tamanhos para ajudar ou dificultar o nível da subida. (PAIXÃO; SILVA & TRIANI, 2019)

Assim como o rapel tem grande interesse dos alunos por essa modalidade, segundo Paixão; Silva & Triani (2019) esbarrando mais uma vez na falta de material para seu desenvolvimento na escola, por ser uma atividade de risco o professor não pode improvisar materiais, o ideal seria que tivéssemos acesso para desenvolver uma prática que muito agrada os alunos.

### **2.2.3 Corrida orientada**

A corrida de orientação surge na Suécia, criada pelo Major Killander, que introduz na corrida tradicional, como forma de torná-la mais interessante, pontos a serem encontrados por meio da leitura de mapas de orientação e bússola. (MENDONÇA, 1987 apud ROCHA, 2017)

Segundo Dornelles (2000) apud Rocha (2017) a corrida de orientação é caracterizada por ser um esporte onde o competidor passa por pontos de controle marcados ao longo do terreno, utilizando-se de mapas e bússolas, o trajeto deve ser feito no menor tempo possível.

A corrida orientada possui as seguintes modalidades: pedestre, mountain bike, precisão (cadeirantes) e ski, onde há neve. O participante deve passar por todos os pontos marcados no mapa, obedecendo a ordem correta e marcando esses pontos no cartão controle. (PESSOA, 2012 apud ROCHA 2017).

A Corrida de orientação pode ser praticada por todas as pessoas, temos vários níveis de competição, “N” para novatos, “B” difícil, “A” muito difícil e “E” para Elite. Como podemos observar é uma modalidade para todo tipo de pessoa, pois exige do participante não apenas o condicionamento físico, mas também a estratégia, leitura de mapas, conhecimento de vegetação, relevo, etc. (CBO, 1999 apud ROCHA 2017).

Utilizar a corrida de orientação como conteúdo nas aulas de Educação Física pode servir como uma ferramenta motivacional para a participação dos alunos, além de trabalhar fundamentos como os da corrida e temas como meio ambiente e a interdisciplinaridade, é uma atividade bastante motivadora

para incluir os alunos menos habilidosos nos esportes tidos como tradicionais, bem como a inclusão de portadores de alguma deficiência física. (BLAIA, 2008 apud ROCHA 2017).

### **2.3 Formação do Profissional de Educação Física para desenvolver as Práticas Corporais de Aventura.**

Os esportes de aventura caracterizam-se por sua relação com a natureza, desenvolvendo em seus participantes a colaboração, organização para o trabalho em grupo, o cuidado com o outro, bem como o despertar para a preservação ambiental, um dos temas transversais das aulas de educação física. (OLIVEIRA, 2020)

Quando pensamos em esporte de aventura na escola, algumas questões aparecem para a pouca prática ou ausência dessas modalidades nas aulas de Educação Física. Para Fernandes et al (2019) alguns professores até gostariam de desenvolver essas atividade, mas citam a inequação do espaço físico da escola e os altos custos dos materiais.

Um dos aspectos importantes para as praticas corporais de aventura é a formação do professor, esse precisa dominar os conhecimentos teóricos e também técnicos para realizar essas atividades. Nesse sentido Brasil et al (2015) afirma que, as instituições de ensino superior devem formar profissionais munidos de serem capazes e comprometidos com sua profissão, destacando que os currículos dos cursos estejam sempre sintonizados com a realidade.

Em seu estudo Fernandes et al (2019) mostra que poucos estudos sobre práticas corporais de aventura são encontrados em ambiente escolar, segundo o autor, isso revela que essas atividades constam apenas na BNCC, mas não fazem parte de fato das aulas de educação física.

Dominar o conhecimento teórico e prático é um dos objetivos da diretriz curricular nacional dos cursos de graduação em Educação Física, as práticas devem atender a demanda da realidade do profissional, porém conforme relata Brasil et al (2015) alguns cursos sequer oferecem essa disciplina em sua grade curricular, sendo a falta de profissionais qualificados um dos motivos para não desenvolver essas atividades na escola.

Segundo Brasil et al (2015) podemos pontuar que embora as práticas corporais de aventura sejam atividades com grande potencial de aceitação por parte dos alunos e que podem trabalhar tantos conteúdos voltados para o convívio social, como potencializar valências físicas e trabalhar a questão ambiental, estas práticas são pouco utilizadas nas aulas de educação física, seja pelo fator falta de material ou por falta de conhecimento do professor.

Conforme Fernandes et al (2019) há práticas corporais de aventuras que não exigem material algum dos participantes, como por exemplo, as trilhas, caminhadas em parques ecológicos, passeios de bicicleta.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

#### **3.1 Tipo de Estudo**

A pesquisa se classifica como um estudo de natureza básica, com objetivo exploratório e descritivo, com uma abordagem predominantemente quantitativa, fundamentada em uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo que será feita através de questionário.

Segundo Gerhardt & Silveira (2009) o estudo de natureza básica busca formular novos conhecimentos, contribuindo para o avanço da ciência, mas sem aplicação prática prevista.

De acordo com Polit, Becker & Hungler, p. 201 (2004) apud Gerhardt & Silveira, p. 33 (2009) a abordagem quantitativa enfatiza o raciocínio dedutivo, buscando mensurar aspectos da natureza humana, tendo suas raízes oriundas do pensamento positivista e lógico.

#### **3.2 Período e local da pesquisa**

O questionário da pesquisa foi disponibilizado em grupos de professores de diversos locais do país, ficando impossível identificar as cidades e estados, pois os professores poderiam repassar a pesquisa em outros grupos sem o conhecimento do pesquisador.

A pesquisa foi realizada de 01 de fevereiro a 15 de junho de 2021.

#### **3.3 Amostra**

A população do estudo foi composta de 13 professores que trabalham com o ensino médio, ensino fundamental e educação de jovens e adultos.

### **3.4 Sujeitos da Pesquisa**

Os participantes que comporam a amostra, responderam o questionário de forma espontânea através de grupos de whatsapp, pois em meio à pandemia não foi possível o acesso aos professores de forma presencial.

#### **3.4.1 Critérios de Inclusão / Exclusão**

Foram incluídos na pesquisa professores que trabalhassem na educação básica. Foram excluídos os que se recusaram a participar da pesquisa.

### **3.5 Coleta de dado e Instrumento de Coleta**

Os dados foram coletados através de questionário, composto de oito perguntas, sendo quatro de múltipla escolha e quatro abertas, onde os pesquisados puderam expressar seu pensamento de forma livre.

Segundo Gerhardt & Silveira (2009) o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído de perguntas que devem ser respondidas sem a presença do pesquisador. Através do questionário se busca a opinião, expectativas do entrevistado em relação à situação vivenciada. A linguagem deve ser clara e simples, para que haja compreensão por parte de quem está sendo perguntado.

Houve uma breve explicação de como seria aplicado o questionário. Os indivíduos tiveram o tempo que consideraram necessário para responder as perguntas, e responderam de forma individual.

Ao término da aplicação do questionário, todos os resultados ficaram guardados, não pedimos a identificação dos sujeitos, estes achados foram manipulados apenas pelo pesquisador.

### **3.6 Aspecto Ético**

Todas as informações necessárias sobre a pesquisa estavam presentes no TCLE que foram devidamente assinados por todos os pesquisados de forma espontânea e voluntária. Para que o pesquisador pudesse realizar a coleta de

dados nas instituições já citadas como cenários de pesquisa, foi solicitada autorização dos responsáveis por meio da assinatura no Termo de Anuência.

Vale reforçar que os participantes tiveram a identidade preservada, puderam desistir a qualquer momento do estudo e não sofreram nenhum risco ou dano físico, mental ou social.

A pesquisa está de acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012).

### **3.7 Análise dos dados**

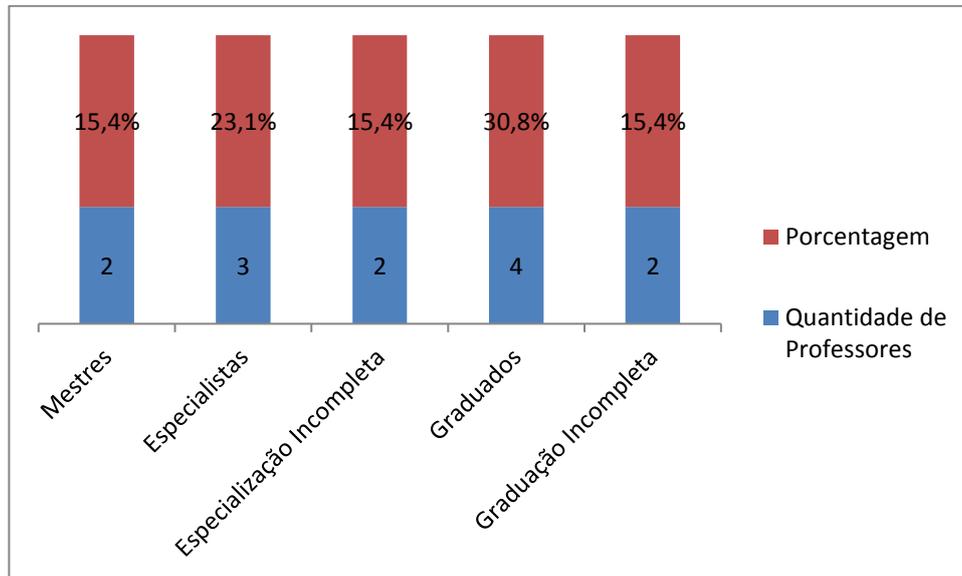
Os resultados, quando se trataram das questões objetivas, foram analisados através da estatística descritiva e apresentados através de gráficos e quadros; e, quando se trataram das questões abertas, por meio da análise de conteúdo das respostas, que foram categorizadas e discutidas a luz da subjetividade. Também foram comparados entre si e confrontados com a literatura específica da área.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste capítulo apresentaremos os resultados coletados e respectivas discussões, teve como base a pesquisa realizada com 13 professores que atuam na educação básica desde o ensino fundamental, médio e educação de jovens e adultos.

A primeira pergunta foi quanto à formação dos participantes da pesquisa, dos treze que responderam 15,4% são mestres, 23,1% são especialistas, 15,4% possuem especialização em andamento, 30,8% são graduados e 15,4% estão com a graduação em andamento.

O gráfico 01 demonstra o resultado da primeira questão.

**Gráfico1- Formação dos professores**

**Fonte-** Dados da pesquisa

Quanto ao tempo de docência temos professores com mais de vinte anos de experiência, como também aqueles que estão com a graduação em andamento.

A tabela 1 demonstra o resultado da questão 2, os professores foram representados pela ordem que responderam a pesquisa.

**Tabela 1-** Tempo de docência

PROFESSORES	TEMPO DE DOCÊNCIA
1	26 anos
2	14 anos
3	em andamento
4	2 anos
5	5 anos
6	4 anos
7	1 ano
8	4 anos
9	5 anos
10	3 anos
11	4 anos
12	2 anos
13	5 anos

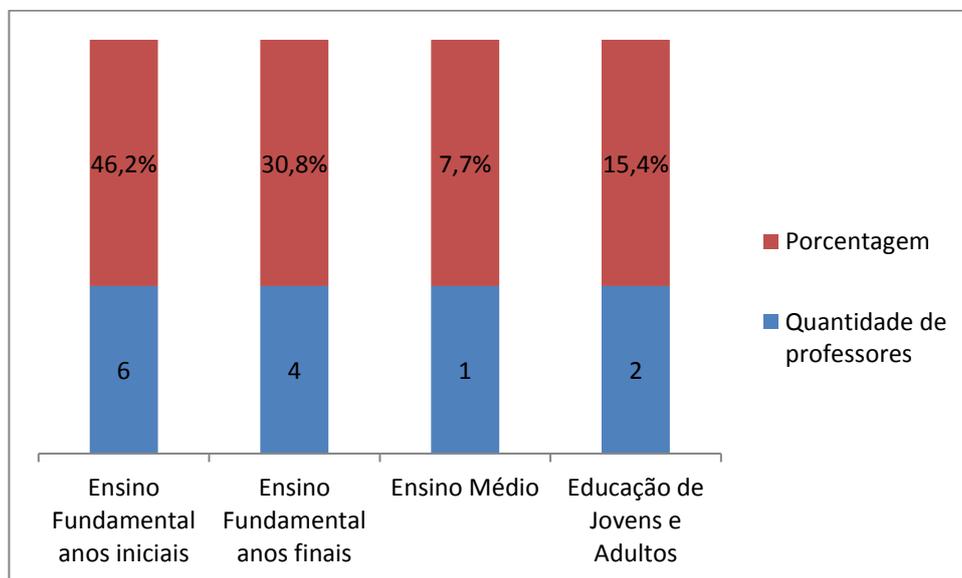
**Fonte:** Dados da pesquisa

Quando perguntados sobre qual nível de ensino teriam mais carga horária atualmente, 46,2% atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, 30,8% nos anos finais do ensino fundamental, 7,7% no ensino médio e 15,4% no ensino de jovens e adultos.

Segundo Freire; Scaglia (2003) apud Alves; Capaverde & Medeiros (2012) os alunos do ensino fundamental do 6° a 9° ano e os alunos do ensino médio, por estarem na fase pré-adolescência e adolescência, costumam buscar atividades mais desafiadoras que lhes proporcionem mais interesse, assim as PCA, podem ser uma boa alternativa para preencher essa lacuna.

O gráfico 2 demonstra o resultado da questão 3.

**Gráfico 2-** Predominância de carga horária atualmente



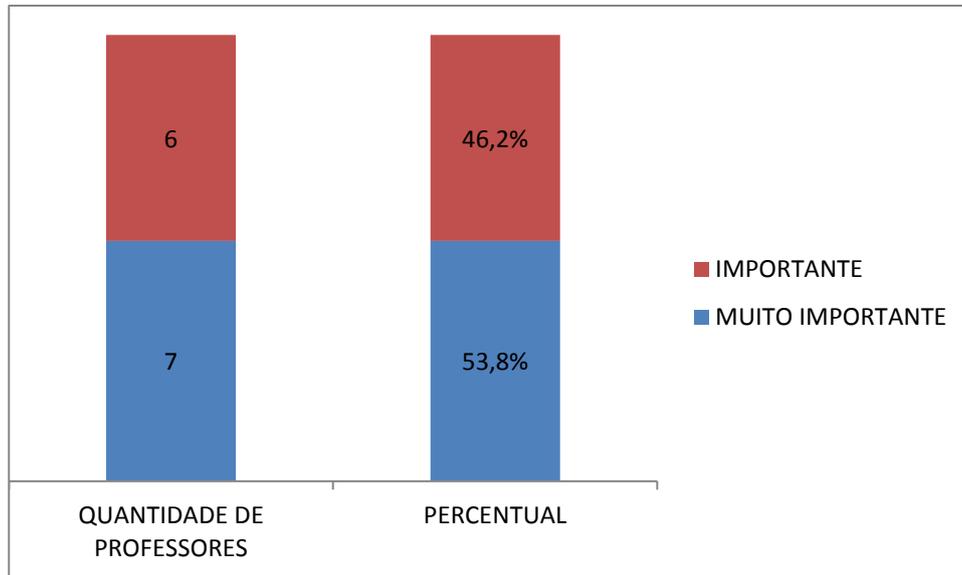
**Fonte:** Dados da pesquisa

Quando perguntados sobre o grau de importância que atribuem as Práticas corporais de aventura, 53,8% responderam ser muito importante e 46,2% como

importante. Podemos observar que os treze professores pesquisados são unânimes em pontuar a importância das PCA em suas aulas.

O gráfico 3 demonstra os resultados da questão 4.

**Gráfico 3-** Grau de importância das Práticas corporais de Aventura.



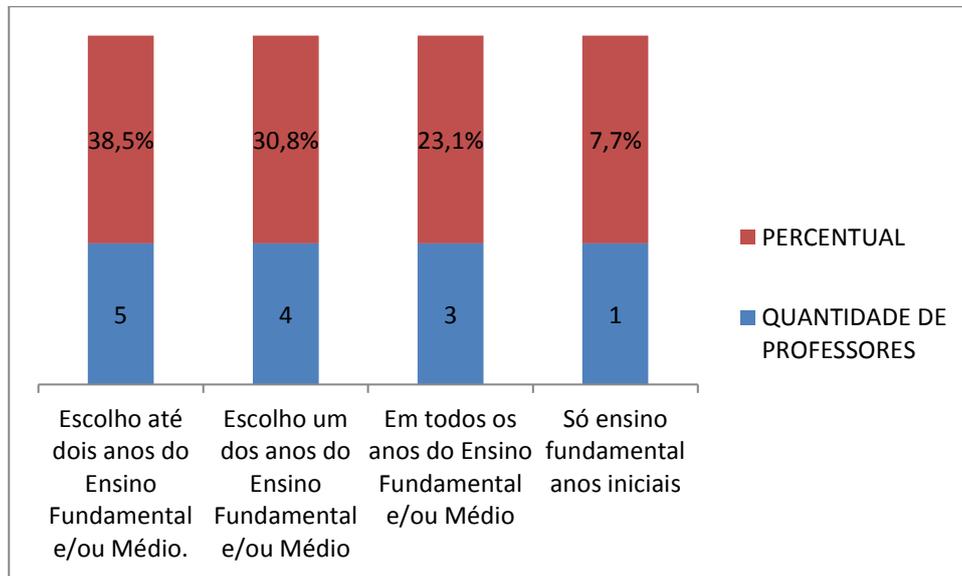
**Fonte:** Dados da pesquisa

Ao serem indagados sobre a frequência que trabalhavam os conteúdos das práticas corporais de aventura em suas aulas, 38,5% afirmam que escolhem até dois anos do ensino Fundamental e/ou Médio, 30,8% escolhem um dos anos do Ensino Fundamental e/ ou Médio, 23,1% afirmam que trabalham os conteúdos em todos os anos do Ensino Fundamental e / ou Médio, enquanto 7,7% dizem trabalhar apenas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Através dessa análise podemos observar que apenas 23,1% seguem o que orienta a BNCC, pois a mesma recomenda que os conteúdos sejam trabalhados gradativamente a partir do sexto ano do ensino fundamental, assim os alunos podem chegar ao final de sua formação na educação básica com déficit de conhecimento e vivências das Práticas Corporais de Aventura.

O Gráfico 4 demonstra os resultados da questão 5.

**Gráfico 4-** Frequência com que trabalham os conteúdos das Práticas corporais de aventura.



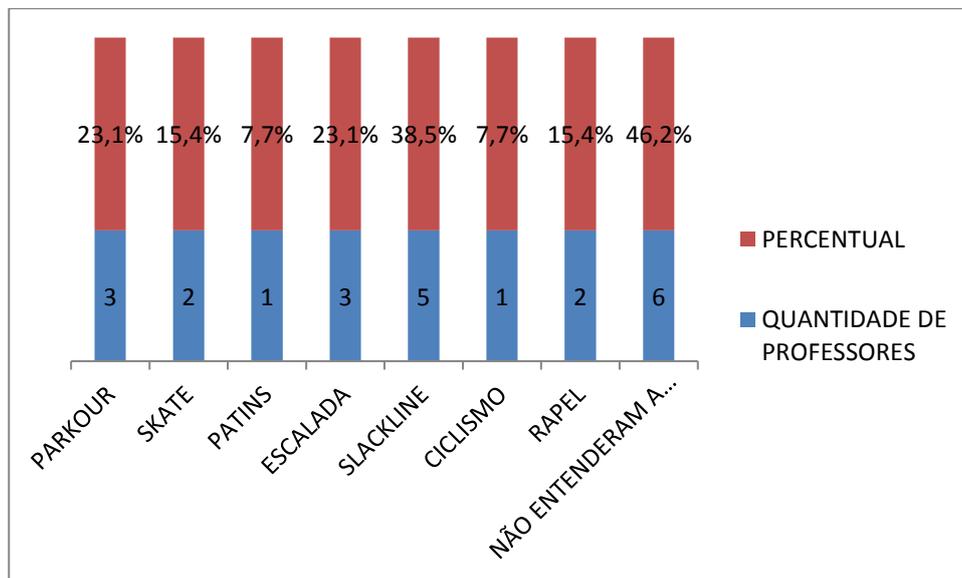
**Fonte:** Dados da pesquisa

Quando perguntados sobre quais conteúdos das PCA optam por trabalhar em suas aulas, os professores citaram sete modalidades, sendo que parkour foi lembrado por 23,1%, sktate 15,4%, patins 7,7%, escalada 23,1%, slackline 38,5%, ciclismo 7,7% e rapel 15,4%. Observamos que 46,2% além de citarem alguma modalidade das práticas corporais de aventura inseriram também, lutas, danças, jogos e brincadeiras, levando-nos a crer que não entenderam a pergunta.

Podemos observar que 61,5% (oito indivíduos) aplicam alguma modalidade das PCA em suas aulas. Em seu estudo Alves; Capaverde & Medeiros (2012) aponta que 78% dos entrevistados pensavam em aplicar as modalidades da PCA e 22% não achavam interessante aplica-las. Conforme poderemos observar mais a frente essa mudança positiva pode ser fruto do acesso dos professores, mesmo que de forma tímida ainda, as modalidades de PCA durante a graduação.

O gráfico 5 demonstra os resultados da questão 6.

**Gráfico 5-** Conteúdos que optam por trabalhar em suas aulas sobre Práticas corporais de aventura



**Fonte:** Dados da pesquisa

Quando perguntados sobre quais atividades vivenciaram durante sua graduação, 66,9% responderam positivamente, enquanto 23,1%, afirmaram não ter vivenciado tais atividades. Dentre os professores que afirmaram não ter vivenciado as atividades durante a graduação, um tem 14 anos de docência, o que demonstra o quanto é lento o processo de adequação por parte das instituições para oferecer tais modalidades, embora um segundo professor informe ter 26 anos de docência e que vivenciou as atividades, porém era uma disciplina alternativa. Entre os que têm menos de cinco anos de docência, dois indivíduos informam não ter vivenciado tal prática, porém um deles ainda está no processo de graduação.

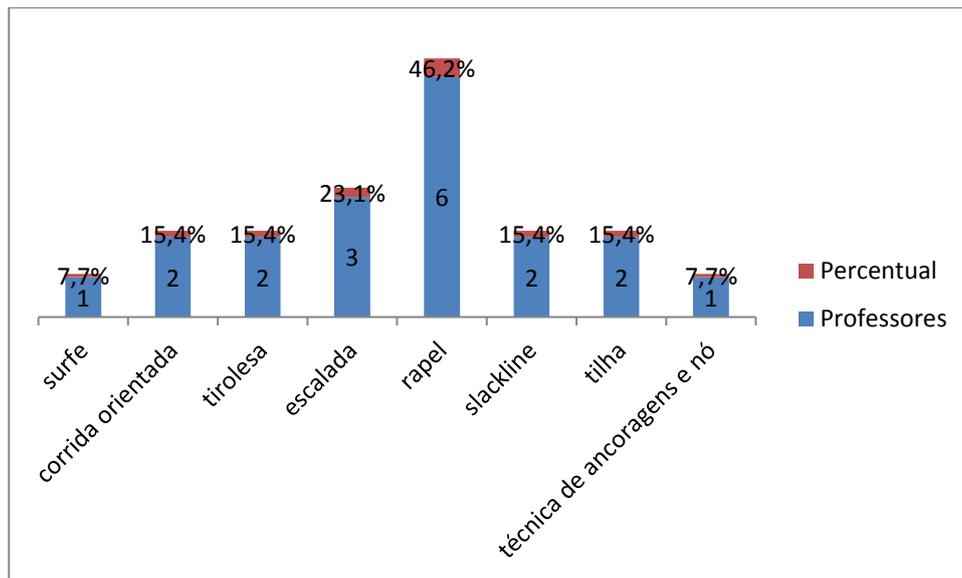
Segundo Auricchio (2009), apud Alves; Capaverde & Medeiros (2012) o processo de implementação dos esportes de aventuras na graduação em Educação Física se dar a partir da década de 90, porém em nosso estudo um professor com quatro anos de docência afirma não ter vivenciado durante sua graduação atividades relacionadas ao tema.

Apesar de 23,1% afirmarem não terem o acesso as PCA durante a graduação, podemos observar uma evolução se compararmos com o estudo de Alves; Capeverde & Medeiros (2012) onde 72% dos pesquisados não tiveram nenhum contato com modalidades das PCA.

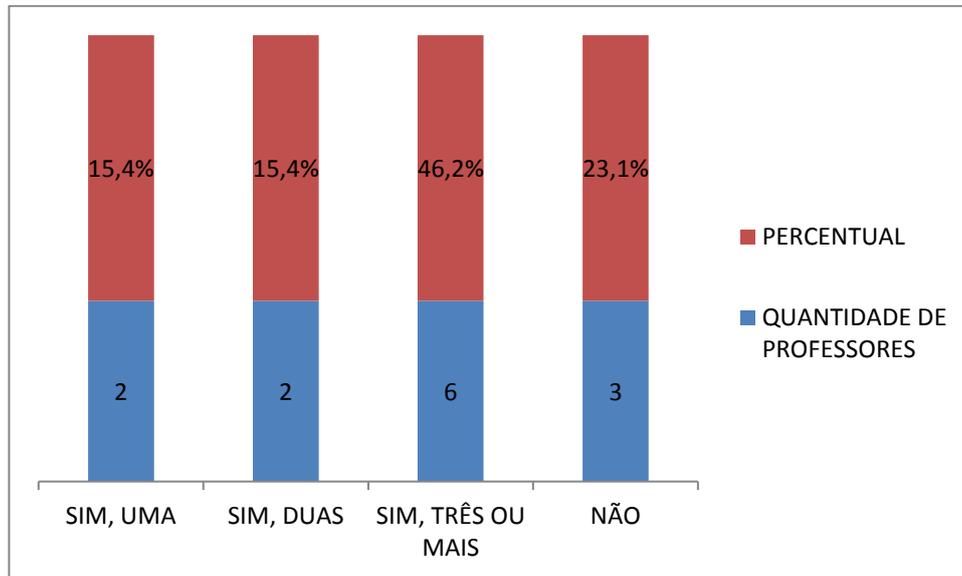
Um dado que nos chama atenção é que dos que responderam positivamente para PCA na graduação, 15,4% tiveram contato com apenas uma modalidade, ao analisar as atividades que os professores citam que tiveram acesso elencamos da seguinte forma: os que vivenciaram só uma, duas, três ou mais atividades.

Os gráficos 6 e 7 demonstram os resultados da questão sete.

**Gráfico 6-** Atividades vivenciadas na graduação



**Fonte:** Dados da pesquisa

**Gráfico 7:** Quantidade de atividades desenvolvidas

**Fonte:** Dados da pesquisa

Quando perguntados se tinham alguma dificuldade em trabalhar os conteúdos das Práticas corporais de aventura, 38,8% (cinco indivíduos) pontuaram a falta de espaço e materiais como uma questão que dificulta o desenvolvimento das modalidades, isso reforça o que Rosa et al (2019) afirmou em seu estudo, que alguns professores até tem vontade de desenvolver as modalidades, mas a falta de espaço e materiais adequados dificulta a implementação das atividade.

Outro fator citado pelos professores foi a pouca formação para as PCA e falta de interesse, 23,1% (três indivíduos) levantaram esse questionamento. Fernandes et al (2019) em sua revisão bibliográfica sobre os estudos acerca das PCA exclusivamente nas escolas, aponta a falta de experiência com essas práticas como um entrave para o desenvolvimento dessas modalidades na escola.

Outro fator apontado na pesquisa, por 7,7% (um indivíduo) foi a preocupação com a segurança, o mesmo sugere que deveria ter ajuda de outro profissional para trabalhar essas modalidades. Para Auricchio apud Darido & Tahara (2016) a falta de conhecimento para manusear os equipamentos de segurança inibem os profissionais para a prática das PCA em suas aulas.

Xavier et al (2012) apud Oliveira 2020, pontua que a segurança do grupo deve ser a maior prioridade durante as PCA, portanto a atuação de um outro

profissional seria muito bem vinda quando o professor for realizar as PCA em suas aulas, até por que modalidades como rapel, escalada indoor, para uma experiência prática, são impossíveis de serem realizadas sem a ajuda de pelo menos mais um profissional.

Por fim 15,4% (dois indivíduos) pontuam a falta de autorização dos pais e aceitação por parte da escola, para a realização das PCA. Logo nos vem à indagação: se a BNCC que orienta os princípios para a educação básica no país, coloca as PCA como um bloco de conteúdos a serem trabalhados na escola, por que os professores deveriam pedir autorização dos pais e direção da escola pra realizar tais práticas dentro do ambiente escolar? Porém 15,4% (dois indivíduos) também pontuam a dificuldade de se realizar atividades fora do ambiente escolar.

Em seu estudo Espanha & Betrán apud Darido & Tahara (2016) cita que um dos fatores que dificultam o desenvolvimento das PCA é a falta de apoio da escola, bem como uma possível recusa dos pais, por temerem que as PCA representem algum risco a integridade física dos alunos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As PCA como componente dos blocos de conteúdos a serem trabalhados na Educação Física escolar, podem contribuir para a vivência de um leque maior de atividades desenvolvidas com os alunos. É um conteúdo bastante agregador para se trabalhar a questão do meio ambiente, a integração do homem com a natureza, bem como pode ser uma estratégia para facilitar a inclusão do maior número possível de alunos nas aulas, uma vez que seu foco principal não é o competitivo, mas sim o da experimentação de novas sensações e descobertas.

Em nosso estudo buscamos compreender como essas modalidades estão sendo aplicadas na escola, questionamos se os professores sentem dificuldades em desenvolver tais práticas, observamos que um dos principais entraves ainda é a falta de espaço apropriado, apoio da direção escolar, falta de material e pouca formação na área das PCA durante o processo de formação acadêmica.

Durante a estruturação do presente estudo, buscamos na literatura obras que abordassem o tema PCA na Educação Física escolar, pudemos observar que o tema falta de espaço e falta de material quase sempre aparece como justificativa para o pouco uso dessas modalidades na escola.

Nesse sentido Darido; Rangel (2005) apud Alves; Capaverde & Medeiros (2012) ressaltam que cabe ao professor adaptar as PCA a sua realidade, buscando levar aos alunos aulas que abordem esse tema nos eixos do saber conceitual, procedimental e atitudinal. Assim os professores poderiam buscar mais conhecimento dessas modalidades para tentar adaptá-las a sua realidade, mesmo com as dificuldades de materiais, pois podemos citar a caminhada, trilha, arborismo, que não necessitam de materiais tão específicos, podendo ser trabalhadas no entorno da escola ou numa área verde caso a escola possua.

Observamos uma mudança no comportamento dos professores, pois por mais que elenquem dificuldades de espaço, material e apoio da escola, os mesmo informaram que realizam atividades das PCA em suas aulas, podemos observar que conhecem modalidades como rapel, escalada, parkour, slackline dentre outras, evidenciamos que se tivessem melhores condições de acesso à estrutura física das escolas e materiais poderiam desenvolver os conteúdos com maior qualidade.

Quanto à formação acadêmica dos profissionais de Educação Física na área das PCA, notamos que a maioria dos professores afirmam que tiveram acesso as atividades durante a formação, o que causa certo receio é a abordagem de forma superficial dessa disciplina, pois 15,4% afirmam terem desenvolvido apenas uma modalidade durante sua formação.

Finalizamos nossa contribuição para o desenvolvimento das PCA na Educação Física Escolar otimistas, pois vemos que o processo está sendo implementado, colocamos como sugestão que as secretarias de educação municipais busquem capacitar os professores com cursos na área das PCA, aos profissionais que tiverem oportunidade, se capacitem pois são modalidades que desenvolvem nos alunos a curiosidade, a busca pelo novo. Nos professores é uma forma de sair um pouco dos esportes com bola que tanto hegemonizam as aulas.

Recomendamos mais estudos na área, pois nosso país com dimensões continentais tem realidades bem distintas, questionamos se com a BNCC colocando o bloco de conteúdos Práticas Corporais de Aventura como conteúdo da Educação Física, os professores precisam de autorização da escola e dos pais pra desenvolver essa modalidade no ambiente escolar.

## REFERÊNCIA

- Alves, Sérgio Luiz Chaves; Capaverde, Mariane Rech; Medeiros, Tiago Nunes. **Esporte de aventura nas aulas de educação física: uma alternativa ao alcance dos profissionais?** Revista Vento e Movimento – FACOS/CNEC Osório N° 1, Vol. 1, ABR/2012
- Base Nacional comum Curricular. Extraído de [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) em 25 de fevereiro de 2021.
- Brasil, Vinicius Zeilmann; Figueiredo, Juliana de Paula; Manfroi, Miraíra Noa; Marinho, Alcyane. **Formação profissional e percepção de competências de estudantes de educação física: Uma reflexão a partir da disciplina de esportes de aventura e na natureza.** Rev. educ. fis. UEM vol.26 no.4 Maringá Sept./Dec. 2015
- Darido, Suraya Cristina; Tahara, **Alexander Klein. Práticas Corporais de Aventura em aulas de Educação Física na Escola.** Campinas, SP. 2016.
- Fernandes, Cleonice Terezinha; Rosa, Héilton Jânio Gomes; Silva, Ariane Karolaine Souza da; Sousa, Amanda Cristina de. **Práticas corporais de aventura em escolas brasileiras: revisão sistemática.** Res., Soc. Dev. 2019; 8(6):e21861043 ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i6.1043>
- Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** Editora UFRGS, 2009.
- Oliveira, Marcos Rocha. **Práticas corporais de aventura na natureza: rapel e orientação como possibilidades de aprendizagem na escola.** Santa Rosa, 2020.
- Paixão, Jairo Antônio da. **Práticas corporais de aventura na natureza: rapel e orientação como possibilidades de aprendizagem na escola.** Motrivivência v. 29, n. 50, p. 170-182, maio/2017.
- Paixão, Jairo Antônio da; Silva Felipe Tomaz da; Triani, Felipe da Silva. **Escalada indoor como possibilidade de conteúdo para a educação física escolar.** Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 17, e019036, p. 1-17, 2019. ISSN: 1980-9030

- Rocha, Mateus Paiva da. **A Corrida de Orientação e a Possibilidade de Inclusão Interdisciplinar nas Aulas de Educação Física.** Brasília, 2017